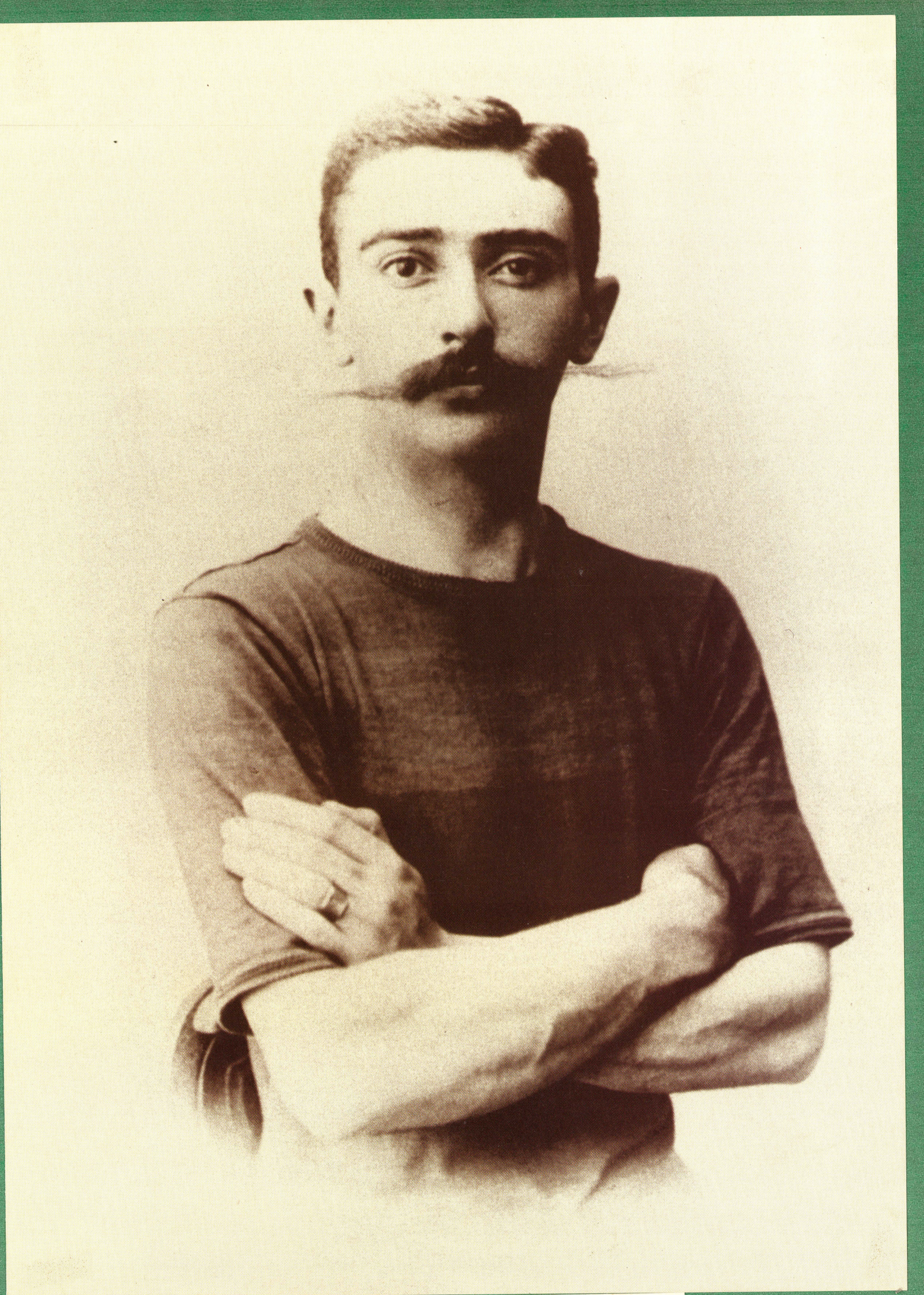


El barón Pierre de Coubertin (1863-1937).



Pierre de Coubertin remando en el puerto de Ouchy, Lausana, en los años treinta.



Pierre de Coubertin aos 31 anos

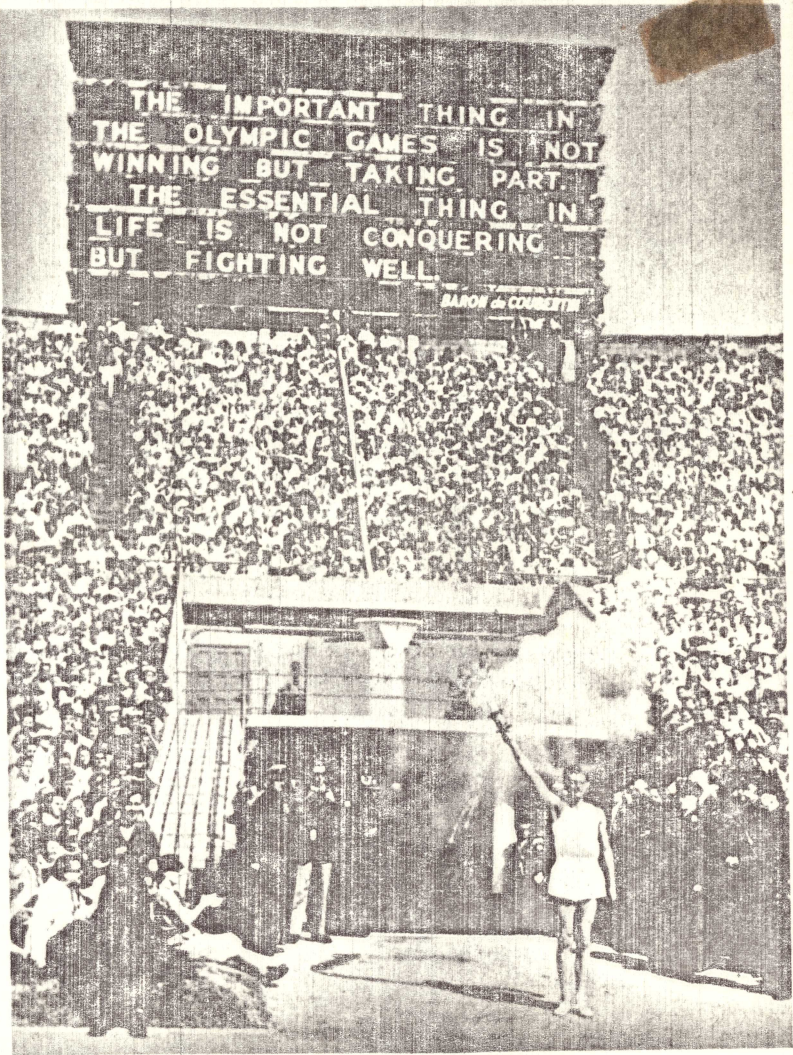
A VOLTA DOS JOGOS

PRIMEIRO, UM EDUCADOR INGLÊS DESCOBRE QUE O ESPORTE SERVE PARA ACALMAR JOVENS REBELDES. DEPOIS, O BARÃO DE COUBERTIN USA A IDÉIA E RECRIA OS JOGOS, DIZENDO: "O IMPORTANTE É COMPETIR".

Entre a Idade Média e o século XIX, o esporte passou por uma sucessão de altos e baixos, ora praticado às claras, mas com moderação, ora vigorosamente proibido, mas praticado às escondidas. Com a Revolução Francesa e aquilo que a própria história define como "a ascensão da burguesia", as coisas mudaram muito. Antes — mais precisamente a partir da Renascença — havia os esportes considerados nobres, como a esgrima, a equitação, a ginástica, as corridas a pé, a caça e uma infinidade de jogos de salão. E havia, também, os esportes que nem mereciam essa denominação, caracterizados pela violência e outros abusos. Os precursores do moderno futebol, como o jogo de bola disputado na terça-feira gorda inglesa ou o *soule*, nem sempre aristocrático dos franceses, estavam neste caso. Nada tinham a ver com a nobreza. Pelo contrário, sendo essencialmente populares, mereciam a desaprovação das boas famílias e sobreviviam na clandestinidade.

Da ascensão da burguesia resultou a Revolução Industrial e, desta, novas mudanças. Na Inglaterra do século passado, essas mudanças se fizeram sentir, principalmente, entre os jovens. Agora, as escolas públicas inglesas, onde as diferenças de classe social sempre foram observadas, já abriam suas portas para todos. Em certos estabelecimentos de ensino, podiam-se ver, lado a lado, o filho de um *lord*, um menino nascido numa classe média já próspera e outro cujo pai, por exemplo, trabalhava como operário numa mina de carvão. Embora isso não fosse comum, já acontecia. E preocupava os educadores. Não tanto porque a mistura significasse uma democratização incômoda, mas muito especialmente porque os jovens, somando suas experiências, começavam a aprender uns

Inglaterra, séculos XVIII e XIX: a violência dos esportes populares, praticados na rua.



O importante não é vencer, é competir. O importante não é conquistar, é lutar dignamente.

com os outros. No início do século, entre esses jovens surgiram aqui e ali, idéias reformistas que não agradavam muito aos mestres conservadores que se mantinham fiéis a uma soberana mais conservadora ainda: a rainha Vitória. Para evitar que esses jovens tentassem mudar "o que não devia ser mudado", os mestres trataram de agir. E concluíram que nada melhor do que uma boa reforma para evitar uma reforma indesejada.

Esporte para acalmar os jovens rebeldes

Um desses mestres chamava-se Thomas Arnold. Deve-se a ele toda a renovação dos métodos adotados nas escolas inglesas, a partir da primeira metade do século. Arnold, um homem inteligente, descobriu no esporte uma excelente válvula de escape para a energia dos jovens. Ocupando-os, nas pistas e campos de atletismo, nos jogos de bola ou nas piscinas, nas competições de remo e na ginástica, evitava que pensassem. Sobretudo em reformas. Assim, os esportes antes considerados nocivos e até mesmo proibidos, como

o futebol, foram levados para as escolas, dosados, regulamentados e finalmente aplicados à educação dos alunos. Todo o esporte moderno nasceu aí, na Inglaterra do século passado, com Thomas Arnold e seus seguidores. E as idéias reformistas foram substituídas pelo empenho dos jovens em conquistar prêmios esportivos, enquanto a rainha Vitória, sempre conservadora, "perpetuava-se" no trono, de 1837 a 1901.

No fundo, não foram muito diferentes os métodos adotados pelo barão de Coubertin como pedagogo. Conhecendo as idéias de Arnold e sabendo de seus resultados na Inglaterra, não só procurou aplicá-las em seu país, a França, como sonhou em universalizá-las através do renascimento dos Jogos Olímpicos. Não se sabe ao certo quando o sonho lhe passou pela cabeça, mas foi a 25 de novembro de 1892 que ele o revelou ao mundo, numa conferência que proferiu na Sorbonne, sobre "os exercícios físicos e a prática



esportiva moderna". Depois de uma longa exposição do tema, na qual nada mais fez do que repetir o que Arnold dissera anos antes, Coubertin falou por si mesmo: "todo o futuro do esporte repousa no renascimento dos Jogos Olímpicos. Devemos, unidos, lutar para que isso se concretize."

Mais tarde, em suas memórias, Coubertin confessaria que, ao revelar o seu sonho, no anfiteatro da Sorbonne, temeu reações não muito favoráveis. Talvez o tomassem apenas como um sonhador meio louco, mas era bem possível, também, que o ironizassem, ou o combatessem, ou simplesmente o

recebessem com a mesma indiferença que inspiavam muitos professores que ali subiam para dizer coisas sem sentido. No entanto, para surpresa sua, todos se levantaram e o aplaudiram.

Pensando melhor, Coubertin não deveria ter ficado surpreso. Há muito tempo os intelectuais mais acadêmicos de seu país viviam como que fascinados pelas descobertas de Montfaucon, o francês que encontrara as ruínas de Olímpia, em 1723. Nos anos que se seguiram, inúmeras expedições foram feitas à Grécia. Uma delas, em 1829, permitiu a soldados franceses encontrarem o templo de Zeus, mais tarde restaurado

pela própria França. De 1875 a 1881, as expedições se multiplicaram, em especial através do Instituto Alemão de Arqueologia, cabendo a Ernst Curtius dirigir a escavação completa de Olímpia, com a subsequente reconstrução de seus edifícios, do ginásio, da palestra e até do estádio.

O ressurgimento de um mundo — a Olímpia da antiga Grécia — era o palco ideal para as idéias de Coubertin.

Lançada essa idéia, uma sucessão de congressos, a partir de 16 de junho de 1894, ainda na Sorbonne, tornou possível colocá-la em prática. Antes, viajando aos Estados Unidos e à Inglaterra,

Coubertin conseguiu duas valiosas adesões ao movimento: a do americano William Sloane, praticamente o dono de todo o atletismo dos Estados Unidos, e a do inglês Charles Herbert, homem importante no esporte europeu.

Mas doze outros países estiveram representados no Congresso de Paris, ao fim do qual se decidiu criar o Comitê Olímpico Internacional e marcar para 1896, em Atenas, os I Jogos Olímpicos da era moderna.

Escrevia-se ali, no anfiteatro da Sorbonne, um importante capítulo da história do esporte. De certo modo, o mais importante de todos.



Pierre de Coubertin e sua filha nas ruínas do Templo de Hera

